

---

## OS JOVENS ADENTRANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Vanilda Pereira de Oliveira<sup>1</sup>, Maria José de Resende Ferreira<sup>2</sup>

Pós-graduação *Lato Sensu* em Proeja, Instituto Federal do Espírito Santo  
E-mail: vanildapoliveira@yahoo.com.br, majoresende@yahoo.com.br

### RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um espaço de relações e de diálogo entre diferentes gerações: jovens, adultos e idosos. Constata-se um crescimento do número de jovens e adolescentes nessa modalidade. Torna-se necessário compreender as especificidades desse público, em especial, a dos jovens com questões bastante peculiares, ligadas as formas de ser e estar no mundo, de expressarem suas juventudes, sua cultura, seus valores, desejos e sonhos. Essa discussão foi pautada em Bourdieu (1983), Sposito (2008), Dayrell (2005) entre outros. Com o objetivo de provocar a discussão sobre quem são os jovens que frequentam a EJA - considerando as condições de gênero, origem social, ocupação e cultura, foi empreendida essa pesquisa de cunho qualitativo, com apresentação de um estudo de caso. Foram ouvidos vinte e seis estudantes (entre 15 a 18 anos) e doze educadores da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Aristóbulo Barbosa Leão” por meio de questionários e entrevistas. Os dados apontam, entre outros aspectos, que a maioria trabalha e muitos estão inseridos no mercado informal, exercendo atividades de baixa remuneração. Há predominância de estudantes do sexo feminino (60%) e a quase totalidade é de pardos e afrodescendentes (90%). Na visão dos educadores, há uma necessidade urgente de revisar as práticas metodológicas no Ensino Fundamental para a permanência desse público.

**Palavras chave:** Educação de Jovens e Adultos. Jovens. Juventude.

### INTRODUÇÃO

Constata-se, pela nossa atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA), que no decorrer dos últimos dez anos, o perfil dos alunos que ali se encontram, está se modificando. O número de jovens aumenta a cada ano, gerando alguns questionamentos, para os quais não conseguimos obter respostas prontas.

A presença de jovens se intensificou na década de 1990 (ABRAMO, 2005) em uma modalidade, que historicamente era dirigida precisamente ao público adulto. A partir dessa época vários programas foram implantados em diferentes níveis do governo, em sua maioria, movido pela preocupação com o crescimento do desemprego e da violência entre e com os jovens. A EJA é chamada a contribuir, ofertando para este público, oriundo das camadas pobres da população, novas oportunidades de complementação na sua escolaridade.

Os jovens, quando passam a frequentar as salas de aula da EJA, geralmente estão desmotivados, desencantados com a escola *regular*<sup>3</sup> e trazem um histórico de repetência escolar. Alguns deles

---

<sup>1</sup> Especialista em Educação Profissional de Jovens e Adultos. Graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora de Geografia do Ensino Básico da rede Estadual e da Educação de Jovens e Adultos da rede Municipal de Ensino Fundamental de Vitória.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Coordenadora e Professora do Proeja, Ifes Campus Vitória. Membro do Grupo de Pesquisa PROEJA/CAPES/SETEC-ES.

<sup>3</sup> Destaca-se a palavra para demarcar a problemática que o termo revela, ao pressupor que a EJA é uma modalidade em estado de irregularidade.

apresentam comportamentos “denominados” de problemas disciplinares e são vistos como problemáticos, recebendo vários rótulos por parte de professores, gestores e colegas de mais idades.

Carrano (2007) diz que estes aspectos relativos à presença juvenil, são recentes no campo da EJA e para enfrentar esse desafio de “juvenilização da EJA”, deveríamos “caminhar para a produção de espaços culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens – não apenas alunos – [...]”. O que leva a refletir sobre quem é esse sujeito, o que está fazendo nas salas de EJA e como desenvolver um trabalho que os atenda em suas especificidades (2007, p.1).

Autores como Freire (1998), Arroyo (2005), Paiva (2004), Soares (2005), entre outros, nos trazem várias reflexões sobre a EJA e seus sujeitos, o papel do Estado e das Políticas Públicas para esse público. No que se refere à presença de jovens nessa modalidade, existem poucas produções. Porém, os estudos de Sposito (2001), Dayrell (2005) e Abramo (2005) contribuem de maneira efetiva para o entendimento da juventude com categoria heterogênea e de diversas maneiras de ser vivida.

O conceito de juventude corresponde a uma construção social, histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais adquiriram denotações e delimitações diferentes. Como afirma Bourdieu (1983, p.112) “a juventude não está pronta, é uma construção que nasce da luta entre jovens e adultos”.

De todas as tendências e linhas de análise da juventude lidas e pesquisadas, o enfoque do presente trabalho é o olhar dos sujeitos jovens como seres sociais, culturais e históricos, e não simplesmente como “alunos”. Não descartamos o critério etário<sup>1</sup>, considerando que tal definição está muito mais ligada a um parâmetro necessário de delimitação de um universo mensurável, no caso específico desta pesquisa com jovens de idades entre 15 a 18 anos.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa analisou quem são os jovens que frequentam a EJA da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Aristóbulo Barbosa Leão” no município de Vitória, considerando as condições de gênero, origem social, ocupação e cultura, A presença desses jovens na sala da aula representa um grande desafio para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, por parte dos profissionais da educação, por apresentarem características que os diferenciam dos demais sujeitos que frequentam essa modalidade.

Foi empreendida uma pesquisa qualitativa com apresentação de um estudo de caso. Pretendeu-se dar visibilidade aos estudantes jovens da EJA da EMEF “Aristóbulo Barbosa Leão”, por meio de questionários e depoimentos. Foram ouvidos vinte e seis (26) sujeitos no total; vinte (20) responderam os questionários e seis (6) deram depoimentos sobre aspectos ligados as suas vidas, a educação e perspectivas futuras.

O trabalho de campo foi complementado por meio de entrevistas realizadas com doze (12) educadores: coordenador, pedagogo, bibliotecário e professores, dando possibilidade de o entrevistado manifestar suas preocupações, angústias e ideias.

## **SUJEITOS JOVENS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Para fazer uma Educação de Jovens e Adultos precisa-se inicialmente conhecer os sujeitos que fazem parte dela. Pensar os sujeitos da EJA constitui-se em um desafio ímpar, pois esses são extremamente diversificados: homens e mulheres pertencentes a uma ampla faixa etária, adolescentes em condição de risco social, pessoas com necessidades especiais pertencentes a diferentes raças e credos religiosos, entre outras especificidades.

<sup>1</sup> Não existe um consenso quanto à faixa de idade que pode ser considerada juventude num sentido restrito, sendo comumente situada entre a infância e a idade adulta, também essas duas fases, variáveis segundo critérios sócio-culturais (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 662).

Quanto mais se estuda esses sujeitos, mais possibilidades têm de superar visões negativas sobre esse público como: são defasados, com repetências acumuladas, com problemas de frequência e aprendizagem. Arroyo (2005, p.23), alerta: “com esse olhar sobre esses jovens e adultos, não avançaremos na reconfiguração da EJA”.

Portanto, considerando-se o aumento expressivo da presença desse grupo etário na EJA, deve-se voltar uma atenção especial, para esses sujeitos, face às questões que lhes são próprias e estão intimamente ligadas ao seu jeito de ser e de estar no mundo.

Outra questão a considerar é que a EJA deve incorporar as diversidades dos seus sujeitos, seus conhecimentos, linguagens, atitudes e valores e tentar articulá-los ao processo ensino aprendizagem que ocorrem na escola, segundo determinadas regras e lógicas do que é saber e conhecer que acontece por toda a vida. Os conteúdos curriculares da EJA devem estar relacionados à identidade e aspirações dos seus diversos sujeitos.

### **CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE**

Apesar de parecer fácil definir juventude, afinal, todos nós fomos jovens, convivemos com jovens e eles serem tema recorrente na mídia nos últimos anos, a abordagem deste tema ainda constitui-se um desafio. Abramo (2005) ressalta que o termo juventude pode ser abordado de diferentes maneiras, cada disciplina das Ciências Humanas faz um tipo de recorte e diferentes correntes teóricas destacam importâncias diferentes a qual o termo pode se referir.

A primeira noção de juventude remete a transição entre a infância, tempo de desenvolvimento físico, emocional, intelectual e da primeira socialização, dependência e proteção; para a idade adulta, tempo de emancipação, participação, reprodução e cidadania.

Outra visão de juventude teria se firmado a partir dos anos de 1960. Nessa visão a juventude seria um tempo de liberdade e prazer, de expressão de comportamentos exóticos. Esse modo de ser jovem seria ditado, entre outras coisas, pela crescente indústria cultural e pelo mercado de consumo dirigido aos jovens.

Nas últimas décadas do século passado, o foco de interesse recaiu na questão das crianças e adolescentes em situação de risco, gerando ações da sociedade civil e do Estado, resultando no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), que se tornou instrumento fundamental para implantar a ideia desses segmentos como sujeitos de direitos. O termo juventude passou a indicar o período da adolescência, como algo indistinto da infância e os jovens propriamente ditos ficaram fora da intenção de ações e do debate sobre direito e cidadania, como ressalta Abramo (2005).

De uns dez anos para cá, a tendência é perceber o jovem no campo da cultura, como se a condição juvenil estivesse ligada às atividades culturais. Emergindo ao mesmo tempo, uma visão de juventude como um momento de crise, uma fase difícil, permeada por conflitos com a autoestima e/ou a personalidade. Os autores dessa corrente de pensamento colocam que as três instâncias de reprodução social, a família, a escola e o trabalho, estariam perdendo seu papel central de orientação e de valores para as gerações mais novas.

A juventude histórica e socialmente tem sido uma fase da vida marcada por certa instabilidade e determinados “problemas sociais” que mudam de acordo com a época. Sposito (2001) salienta que alguns estudos tendem a privilegiar os aspectos negativos dessa fase e outros, investem nos símbolos positivos dos jovens, responsabilizando-os por mudanças sociais.

É fato de que a juventude pode ser considerada um período de transformações do indivíduo de determinada faixa etária, mas a forma de lidar e representar esse momento difere no interior de cada grupo social. Essas diferenças são concretizadas pelas diferentes condições sociais, culturais, religiosas, de gênero, étnica, entre outros.

Autores como Dayrell (2005) e Abramo (2005) recomendam usar o termo “juventude” no plural “juventudes”, percebendo-a como uma categoria complexa, heterogênea e de diferentes modos de ser vivida.

### **DADOS SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA**

Pelos dados do PNAD/IBGE (2008), em 2007 a taxa de analfabetismo das pessoas com mais de 15 anos caiu de 14,7% para 10%, no entanto, persistia um número elevado de pessoas que não sabiam ler ou escrever: 14,1 milhões de analfabetos, dos quais 9 milhões eram pretos e pardos e mais da metade residia no Nordeste. Melhorou, nesse período, o percentual de estudantes que cursavam nível médio na idade adequada (15 a 17 anos), passando de 26,6% para 44,5%. Sendo ainda grande a defasagem entre idade e nível de escolarização.

Os dados também indicam que cerca de 18% das pessoas entre 15 e 17 anos estão fora da escola, atingindo o patamar de 66% no segmento que vai de 18 a 24 anos. Demonstrando que existe ainda uma exclusão grande em relação ao acesso a educação por parte da camada de jovens mais pobres da população, sejam no ensino básico ou superior, muitos jovens estão abandonando a escola para ingressar no mercado de trabalho, para contribuir com o sustento da família.

Ao analisar estes dados educacionais, fica claro a necessidade de se repensar o atendimento educacional e as condições de oferta como um todo, quando se tem a educação básica como objetivo e direito para jovens que enfrentam níveis alarmantes de desigualdades. Ocorrendo necessidade de atenção especial às condições em que a educação acontece em cada escola brasileira, condições estas que se projetam no imenso contingente de jovens que demandam a EJA, fruto do abandono do Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica, acrescida da distorção idade-série.

### **DANDO VOZ AOS JOVENS DA EJA DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL “ARISTÓBULO BARBOSA LEÃO”**

Com o objetivo de provocar a discussão sobre quem são os jovens que frequentam a EJA - considerando as condições de gênero, origem social, ocupação e cultura, foram ouvidos vinte e seis estudantes (entre 15 a 18 anos) e doze educadores da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Aristóbulo Barbosa Leão” por meio de questionários, depoimentos e entrevistas.

Todos os jovens ouvidos vivem com renda familiar inferior a três salários mínimos, tendo suas vidas delimitadas pelas desigualdades econômicas. Há predominância de estudantes do sexo feminino (60%) e a quase totalidade é de pardos e afrodescendentes (90%).

A religiosidade é um ponto de apoio em suas vidas (50% são católicos e 25% evangélicos). Dos depoimentos dados por seis alunos, a religiosidade, aparece em um deles como um ponto de apoio e segurança:

Professora sabe o que me dá segurança quando estou com medo de enfrentar determinada situação da minha vida? É a medalha de minha santinha, sempre carrego no bolso da minha calça ou dentro do meu tênis. Aí, eu sei que vou conseguir resolver o problema, não tenho mais medo (JOVEM I, 15 anos).

O trabalho é uma grande preocupação para os mesmos (65% trabalhavam no momento da pesquisa). A maioria (95%) estava no mercado informal, exercendo atividades de baixa remuneração.

Mesmo trabalhando de forma precária, o trabalho significa uma forma de sair da situação em que se encontram e conseguirem um futuro melhor. Fato percebido no depoimento de uma das jovens estudantes:

Estou tendo a chance de minha vida, trabalhando como auxiliar administrativo no projeto menor aprendiz. Estou aprendendo muita coisa. Lá no emprego, também recebo algumas aulas e vejo a importância dos estudos para nós. Já posso pagar a minha irmã para tomar conta de minha filha, não preciso trazê-la mais para a escola. Agora vou mudar de vida professora, não estou mais usando drogas. Minha mãe é que conseguiu me arrumar esse emprego (JOVEM, III, 15 anos).

Apesar das grandes transformações que vem ocorrendo nas dinâmicas e nos arranjos familiares<sup>2</sup>, a família continua sendo o principal agente socializador dos mesmos. Do grupo investigado, 35% moram com a mãe e irmãos; 30% com o pai, a mãe e irmãos; 5% com o pai; 30% com parentes (irmão, tio, avó, primos).

Com relação ao atraso escolar, 90% reprovaram algumas vezes e 10% afirmaram não ter reprovado nenhuma vez. Dentre as causas das reprovações apontadas pelos jovens aparecem, em primeiro lugar, as dificuldades de aprendizagem empatadas com a indisciplina em sala de aula; a seguir, as faltas às aulas, a matéria difícil e a “implicância” por parte do professor. A maioria atribui a si mesmo as causas do fracasso escolar. Podemos perceber, pelos resultados, que uma das causas da indisciplina de alguns está associada às dificuldades de aprendizagem desses jovens, se ele não sabe, não quer que os outros percebam; para “disfarçar” e fugir do rótulo de “fracassado” ele começa a bagunçar o andamento das aulas. Um dos jovens deu o seguinte depoimento:

Professora, eu não gostava de estudar durante o dia. A professora não me dava atenção. Como ela não me respondia e eu não sabia fazer as atividades, comecei a fazer bagunça. Recebi várias advertências. Sempre chamavam a minha mãe. Eu nem ligava. Os professores não gostavam de mim, reprovei várias vezes. Até que não aceitaram a minha matrícula mais durante o dia. Tive que vir estudar a noite. A minha mãe também se matriculou na escola para me fazer companhia. Eu não gosto de ficar na sala de aula, não aprendo nada. Se me obrigar, faço bagunça (JOVEM V, 16 anos).

Charlot (2000, p.16) diz que o “fracasso escolar não existe; o que existe são situações de fracasso”. É comum fazer uma leitura negativa diante de um aluno que “fracassa” em um aprendizado, fala-se em deficiências, carências e lacunas, enquanto uma leitura positiva deve procurar saber sobre o que está acontecendo com este aluno, buscando compreender como as “situações de fracasso” foram sendo construídas na trajetória escolar deste aluno.

Procurar compreender o fracasso como uma situação que advém durante uma história é considerar que todo o indivíduo é um sujeito, pois mais dominado que seja. Um sujeito que interpreta o mundo, resiste à dominação, afirma positivamente seus desejos e interesses, procura transformar a ordem do mundo em seu próprio proveito. Praticar uma leitura positiva é recusar-se a pensar o dominado como um objeto passivo, “reproduzido” pelo dominante e completamente manipulado, até, inclusive, em suas disposições psíquicas mais

<sup>2</sup> Segundos dados do Programa por Amostra de Domicílio do Instituto Brasileira de Geografia e Estatísticas, a distribuição percentual dos arranjos familiares com laços de parentesco residentes em domicílios particulares, em 2007, eram: casal sem filhos, 16%; casal com filhos, 48,9%; mulheres sem cônjuges com filhos, 17,4%; outros tipos, 6,2% (PNDA/ IBGE, 2008).

íntimas. Mas sem incorrer em ingenuidade e sem esquecer que o dominado é, com certeza, um sujeito, porém um sujeito dominado (CHARLOT, 2000, p. 31).

Perguntados se haviam parado de estudar, 80% afirmaram ter abandonado a escola alguma vez em suas vidas, por motivos como a gravidez, brigas, dificuldade de acesso à escola, dificuldade de aprendizado, trabalho, mudança, falecimento da mãe e por vontade própria.

Apesar de todas essas variáveis, voltaram a estudar revelando a importância da frequência à escola em suas vidas. Explicam esse retorno porque precisavam se preparar para um futuro melhor e por motivo de trabalho (37,5%); aprender mais e terminar o ensino fundamental (25%); era hora de voltar (12,5%), incentivo da família (12,5%); saiu do emprego (6,25%) e, para realizar um sonho (6,25%).

Ao serem questionados sobre quais motivos os levaram a fazer opção pela EJA, às respostas dadas foram as seguintes: porque queria estudar a noite (40%), comecei a trabalhar durante o dia (25%), não aceitaram a minha matrícula no diurno (25%), relacionamento conflituoso no diurno com professores e colegas (10%).

Na questão relativa à escolaridade dos pais, 35% não respondeu, 30% disse que o pai e mãe eram analfabetos, 15% que possuíam o ensino fundamental incompleto - até a 7ª série, 10% informaram que os pais estudaram até a 4ª série do ensino fundamental e 10% estudaram até a 8ª série.

Apesar de terem mais oportunidades de acesso à escolaridade, acabam repetindo histórias de negação de direitos ocorridas nas trajetórias de vida dos seus pais e das pessoas excluídas socialmente, culturalmente e economicamente em nosso país. É preciso percebê-los como sujeitos de direitos, como ressalta Arroyo:

[...] Assumida esta dimensão: direitos negados historicamente aos mesmos coletivos sociais, raciais, conseqüentemente teremos de assumir a EJA como uma política afirmativa, como um dever específico da sociedade, do Estado, da pedagogia e da docência para com essa dívida histórica de coletivos sociais concretos (ARROYO, 2005, p.30).

A EJA é uma nova tentativa de continuidade dos estudos. O ensino regular diurno não os aceita mais, eles não são adequados ao seu modelo, não conseguem aprender, reprovaram várias vezes e cresceram, seus corpos se modificaram e suas idades não são compatíveis com a dos demais alunos da sala de aula. Além do surgimento da necessidade, de muitos, de ajudarem na renda familiar.

Para os sujeitos entrevistados estudar é fruto de muita força de vontade, não só pelo cansaço que acomete os estudantes do noturno, como pelas próprias condições do ensino. As dificuldades de aprendizagem, de entender a linguagem utilizada por alguns dos educadores, o papel de passividade em alguns momentos, a necessidade de movimentar-se para se manter acordado, entre outros fatores

Ao serem questionados sobre a importância dos estudos para as suas vidas, 25% não responderam e 75% citaram como forma de aquisição de conhecimentos, de conseguir um futuro melhor e ser alguém na vida.

Os jovens entrevistados acham que a escola ideal é a que estudam atualmente (30%), a que existe mais respeito entre educadores e educandos e vice-versa (20%), uma escola mais organizada (10%), uma escola mais alegre (10%), a que prepara para o futuro (5%), mais agitada e liberal (5%), não responderam ou não sabem (20%).

Em relação a uma escola assim, Freire (1995, p.94) diz que a juventude deverá entregar-se à aventura de uma escola séria, rigorosa, alegre, mas que jamais poderá prescindir do ato sério de estudar, que

jamais deverá confundir essa alegria com a alegria fácil do não fazer. O ato de estudar é difícil, mas é um processo bonito.

### **OS EDUCADORES DOS JOVENS DA EJA DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL “ARISTÓBULO BARBOSA LEÃO**

Para apreender e compreender mais sobre os sujeitos da pesquisa e as visões relacionadas aos mesmos, foram entrevistados doze educadores da escola. A quase totalidade, dez educadores, não possui curso específico para trabalhar com essa modalidade de ensino, demonstrando a carência da oferta de cursos voltados a profissionais que atuam na EJA no estado do Espírito Santo.

Relativo à opinião sobre a juventude de hoje, foram obtidas respostas ligadas ao período de transição da infância para a fase adulta; tempo de inquietude, contestação e desobediência; fase da vida marcada por certa instabilidade; perigo de redução da juventude a uma única categoria.

A juventude possui problemas que mudam de acordo com a época. Assim, histórica e socialmente tem sido uma fase da vida marcada por certa instabilidade. Um dos educadores coloca da seguinte forma:

Os jovens estão bastante confusos. E não é por menos. A família está desestruturada, a sociedade em pânico. Existe uma grande inversão de valores e tudo é jogado para dentro das escolas. O professor não consegue dar aulas. Só resolve problemas sociais (EDUCADOR D).

As dificuldades apontadas pelos educadores de se trabalhar com o jovem da EJA estão relacionadas à falta de recursos didáticos, à marginalidade (o tráfico de drogas), a falta de interesse dos jovens, à falta de conhecimentos prévios dos jovens. Três educadores responderam que não possuem nenhuma dificuldade de lidar com esse público.

Ao analisarem a presença cada vez maior de jovens nas salas da EJA, os educadores apontam fatores como a necessidade de ingresso no mercado de trabalho: “A ausência das instituições família e Estado está provocando a inserção dos jovens cada vez mais cedo no mercado de trabalho” (EDUCADOR G), a necessidade de revisão do ensino fundamental regular: “Necessidade de repensar o ensino fundamental, tanto na sua organização curricular, como nas metodologias utilizadas que excluem esses jovens do ensino regular” (EDUCADOR C), a falta de oportunidades: “Lamentável, pois são pessoas excluídas, que não foram respeitadas no seu ‘tempo’ escolar. Precisamos de políticas sérias para solução desse problema” (EDUCADOR M), conflitos jovens e adultos: “As rodas de conversação na sala de aula ficam prejudicadas, a presença de jovens inibe a manifestação dos adultos que voltaram a estudar após um longo período fora da escola” (EDUCADOR J).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os sujeitos jovens possuem um modo próprio de expressar suas histórias de vida, seus costumes e modo de viver. Parecem estar sempre desafiados a escolherem entre o que querem, o que devem e o que conseguem fazer. Os que participaram da pesquisa encontram-se submetidos a condições sociais excludentes, no limite entre o lícito e o ilícito. Para a maioria dos informantes, a educação escolar vai ajudá-los a melhorar as suas vidas.

Nas reflexões feitas pelos educadores aparecem a necessidade de discussão e reformulação do ensino fundamental regular, um maior envolvimento e o compromisso da família com a educação escolar de seus filhos e a aprovação de políticas efetivas do Estado que visem à juventude e a melhoria da educação pública.

O número de jovens na EJA continua aumentando a cada ano, tornando-se um desafio a ser enfrentado, remetendo a necessidade de se pensar e repensar em espaços educacionais mais significativos, que contemplem a singularidade de seus sujeitos, principalmente os mais jovens.

Ouvir e dialogar com os jovens que fizeram parte da pesquisa possibilitou conhecer um pouco da realidade de suas vidas, dos seus desejos, medos e perspectivas. Foi uma oportunidade de mostrá-los, não só pela óptica das faltas e deficiências, mas como seres humanos, como todos os outros, com sonhos e problemas reais a serem enfrentados e resolvidos. Conforme nos aponta Freire “Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação de forma histórico social de estar sendo de mulheres e de homens [...] Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (FREIRE, 1992, p. 92).

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel & BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In: BOUDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: compreender os sentidos da presença dos jovens na escola. In: **II Fórum Goiano de EJA**. Goiânia, maio e junho de 2007.

DAYRELL, Juarez. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: reflexões iniciais Novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (orgs). **Diálogo na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCAIS. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 08 de outubro de 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por amostras de domicílios – PNAD, 2007**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acesso em 03 de novembro de 2008.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogo na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.



SPOSITO, Marília Pontes. Juventude, pesquisa e Educação. In: 24ª. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2001. Caxambu, **Anais...** Anped. Disponível em <http://www.hottopos.com/harvard4/marília.htm>. Acesso em 24 de julho de 2008.

PAIVA, Jane. Educação de jovens e adultos: questões atuais em cenário de mudanças. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (orgs). **Educação de Jovens e adultos**. Rio de Janeiro. DP & A, 2004.

